AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO, DAS ATITUDES E DAS PRÁTICAS RELACIONADAS AO RASTREAMENTO DO CÂNCER DE MAMA ENTRE MULHERES DE 20 A 60 ANOS ATENDIDAS NO CENTRO INTEGRADO AMBULATORIAL DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA: UM ESTUDO TRANSVERSAL

Matheus Devoldere Van Landuyt Rocha[1]; Demétrio Antonio Gonçalves da Silva Gomes[2]

[1]Curso de Medicina – Universidade Católica de Brasília;
[2]Curso de Medicina – Universidade Católica de Brasília.
E-mail: matheus.rocha@a.ucb.br; demetrio@p.ucb.br.

RESUMO

O câncer de mama constitui importante problema de saúde pública, sendo a detecção precoce fundamental para redução da morbimortalidade. Este estudo teve como objetivo avaliar o conhecimento, as atitudes e as práticas relacionadas ao rastreamento do câncer de mama entre mulheres de 20 a 60 anos atendidas no Centro Integrado Ambulatorial da Universidade Católica de Brasília. Trata-se de estudo observacional, transversal e quantitativo, realizado por meio de questionário eletrônico aplicado a 50 participantes em 2026. A maioria apresentou baixo nível de conhecimento (62%), embora 92% tenham recebido orientação profissional sobre mamografia e 62% já tenham realizado o exame. A prática do autoexame mostrou-se inconsistente, com 60% realizando-o raramente. Não foram identificadas associações estatisticamente significativas entre conhecimento ou escolaridade e as práticas e atitudes avaliadas ($p>0,05$). Os resultados reforçam a necessidade de estratégias educativas direcionadas à população estudada.

Palavras-chave: Neoplasias da Mama; Mamografia; Saúde da Mulher.

INTRODUÇÃO

O câncer de mama representa um grave problema de saúde pública no Brasil. É o tumor maligno mais frequente entre as mulheres e uma das principais causas de mortalidade por câncer nesse grupo, com estimativa de 73.610 novos casos em 2025 e mais de 20 mil óbitos anuais (Instituto Nacional de Câncer, 2025). Nesse contexto, a detecção precoce por meio de estratégias de rastreamento constitui uma das principais medidas para o controle da doença e redução de sua morbimortalidade (Brasil. Ministério da Saúde & Instituto Nacional de Câncer, 2025). Apesar da importância do rastreamento, fatores relacionados ao conhecimento e às crenças das mulheres podem influenciar sua adesão à mamografia. Entre as barreiras identificadas na literatura estão o desconhecimento sobre as práticas de detecção precoce, a percepção de que o exame não é importante e o medo relacionado ao exame ou ao diagnóstico, além de dificuldades de acesso aos serviços de saúde (Sala et al., 2025). Além disso, a avaliação do conhecimento, das atitudes e das práticas das mulheres pode contribuir para identificar lacunas relacionadas ao rastreamento do câncer de mama e fatores comportamentais associados à sua realização (Khatib et al., 2022). A avaliação desse cenário entre mulheres atendidas em um serviço ambulatorial do Distrito Federal pode contribuir para o planejamento de estratégias de educação em saúde e para o fortalecimento das práticas de detecção precoce. Diante disso, este estudo teve como objetivo avaliar o nível de conhecimento, as atitudes e as práticas relacionadas ao rastreamento do câncer de mama entre

mulheres de 20 a 60 anos atendidas no Centro Integrado Ambulatorial da Universidade Católica de Brasília.

OBJETIVO

Avaliar o nível de conhecimento, as atitudes e as práticas relacionadas ao rastreamento do câncer de mama entre mulheres de 20 a 60 anos atendidas no Centro Integrado Ambulatorial da Universidade Católica de Brasília.

MÉTODO

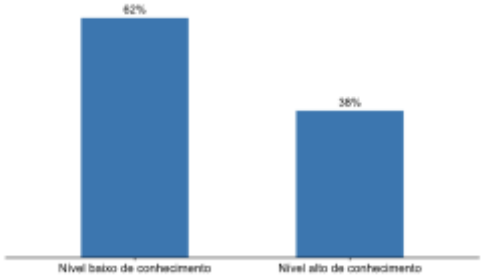
Trata-se de um estudo observacional, transversal, com abordagem quantitativa, realizado com 50 mulheres de 20 a 60 anos atendidas no Centro Integrado Ambulatorial da Universidade Católica de Brasília. A amostra foi selecionada por conveniência, a partir das pacientes atendidas no ambulatório, e a coleta de dados ocorreu em maio de 2026, por meio de formulário eletrônico. Foi aplicado questionário estruturado, eletrônico e autoaplicável, composto por 36 itens, elaborado com base em instrumentos previamente utilizados na literatura e adaptado à realidade brasileira e às diretrizes do Ministério da Saúde e do Instituto Nacional de Câncer. O instrumento contemplou três domínios: conhecimento sobre o rastreamento, atitudes relacionadas à prevenção e práticas de rastreamento, além de questões sociodemográficas. Os dados foram analisados no software R, versão 4.5.3, por meio de análise exploratória, estatística descritiva e técnicas não paramétricas. Foram construídas tabelas de contingência e calculado o Coeficiente de Contingência para avaliar a intensidade das associações entre o nível de conhecimento ou escolaridade e as práticas e atitudes relacionadas ao rastreamento. Para testar a significância das associações, foi utilizado o Teste Exato de Fisher, considerando nível de significância de 5% ($p < 0,05$).

RESULTADOS

Foram avaliadas 50 mulheres entre 20 e 60 anos atendidas no Centro Integrado Ambulatorial da Universidade Católica de Brasília. Quanto ao conhecimento sobre o rastreamento do câncer de mama, 62% das participantes apresentaram nível baixo e 38% nível alto. Embora 98% considerassem o câncer de mama uma doença grave e 94% reconhecessem que o histórico familiar aumenta o risco da doença, apenas 66% identificaram corretamente a mamografia como principal método de rastreamento. Além disso, houve divergência quanto à idade recomendada para início do rastreamento, com 44% indicando 30 anos e 44% indicando 40 anos.

Figura 1

Classificação do nível de conhecimento sobre o rastreamento do câncer de mama (N = 50)



Nota. Escore obtido nas questões de conhecimento, considerados baixo escores ≤ 4 e alto > 4.
Fonte: Elaboração própria (2026).

Tabela 1
Principais resultados sobre atitudes e práticas relacionadas ao rastreamento do câncer de mama (N = 50)

Categoria	Número	%
Considera o câncer de mama uma doença grave	49	98%
Identifica a mamografia como principal método de rastreamento	33	66%
Reconhece que o histórico familiar aumenta o risco	47	94%
Recebeu orientação profissional sobre mamografia	46	92%
Recebeu orientação profissional sobre autoexame	42	84%
Já realizou mamografia	31	62%
Não sente medo de realizar mamografia	40	80%
Não evita mamografia por medo do diagnóstico	46	92%
Sabe realizar o autoexame	37	74%
Realiza o autoexame apenas raramente	30	60%

Nota: Percentuais calculados com base no total de 50 participantes.
Fonte: Elaboração própria. (2026).

Em relação às atitudes e práticas, 92% das participantes relataram ter recebido orientação profissional sobre a importância da mamografia e 84% receberam orientação sobre o autoexame. Entretanto, apenas 62% haviam realizado mamografia alguma vez. A maioria não relatou medo de realizar o exame (80%) ou evitá-lo por medo do diagnóstico (92%). Apesar de 74% afirmarem saber realizar o autoexame, 60% relataram realizá-lo apenas raramente.

A análise bivariada não demonstrou associação estatisticamente significativa entre o nível de conhecimento e as práticas e atitudes relacionadas ao rastreamento, considerando o Teste Exato de Fisher e nível de significância de 5% ($p > 0,05$). Os coeficientes de contingência indicaram associações de fracas a moderadas, variando de 0,04 a 0,24, sendo a maior associação observada com a realização do autoexame ($C = 0,24$). Quanto à escolaridade, também não foram identificadas associações estatisticamente significativas com as práticas e atitudes de prevenção ($p > 0,05$). Embora tenham sido observadas associações de maior magnitude com a realização do autoexame ($C = 0,47$) e com a recência da mamografia ($C = 0,46$), os resultados do Teste Exato de Fisher não demonstraram significância estatística.

CONCLUSÃO

O presente estudo atingiu seu objetivo de avaliar o nível de conhecimento, atitudes e práticas sobre o rastreamento do câncer de mama. A amostra de 50 mulheres apresentou predominância de participantes acima de 45 anos (46%), pardas (60%), com ensino médio completo (46%) e usuárias exclusivas do SUS (82%). Identificou-se uma lacuna significativa no conhecimento, com 62% das participantes apresentando nível baixo. Embora 98% reconhecessem a gravidade da doença, houve divergência quanto à idade de início do rastreamento, com 44% indicando 30 anos e 44% indicando 40 anos. A realização de mamografia foi relatada por 62% das participantes, enquanto 92% haviam recebido orientação profissional. Entretanto, a prática do autoexame mostrou-se inconsistente, com 60% realizando-o apenas raramente. As análises não demonstraram associações estatisticamente significativas entre o nível de conhecimento ou a escolaridade e as práticas e atitudes de prevenção ($p > 0,05$). Embora tenham sido observadas tendências de associações fracas a moderadas,

especialmente entre escolaridade e realização do autoexame (C = 0,47) e recência da mamografia (C = 0,46), esses achados não permitem afirmar que maior conhecimento ou escolaridade estejam relacionados a maior adesão às práticas de rastreamento nesta amostra. Os resultados reforçam a importância de estratégias educativas voltadas ao esclarecimento das recomendações de rastreamento e à melhoria das práticas preventivas. Contudo, o tamanho reduzido da amostra (n = 50) e a utilização de amostragem por conveniência limitam a generalização dos resultados, restringindo suas conclusões às participantes avaliadas.

REFERÊNCIAS

Instituto Nacional de Câncer. (2025). Controle do câncer de mama no Brasil: Dados e números 2025. INCA. https://ninho.inca.gov.br/jspui/handle/123456789/17733

Brasil. Ministério da Saúde, & Instituto Nacional de Câncer. (2025). Nota Técnica n. 626/2025-CGCAN/DECAN/SAES/MS. INCA. https://ninho.inca.gov.br/jspui/handle/123456789/17713

Khatib, R., et al. (2022). Systematic review of women's knowledge, attitude, and practice towards breast cancer. Journal of Education and Health Promotion, 11, 201. https://doi.org/10.4103/jehp.jehp_634_21

Sala, D. C. P., Tanaka, O. Y., Luz, R. A., Balsanelli, A. P., Venancio, S. I., Louvison, M. C. P., & Baumann, A. A. (2025). Barriers and facilitators of the implementation of mammography screening in the Brazilian public health system: Scoping review. *BMC Public Health, 25*(1), Article 1659. https://doi.org/10.1186/s12889-025-22889-9